

**Temor de intervenção nos preços dos combustíveis abala ações da Petrobras**

Mercado avalia risco de intervenção na política de preços da estatal

# Incertezas derrubam ações da Petrobras

**RAFAEL VIGNA**  
rafael.vigna@zerohora.com.br

Na esteira de mais uma troca de comando na Petrobras, vieram novas incertezas e temores do mercado quanto à possibilidade de intervenção do governo federal na política de preços da empresa. O resultado: as ações da companhia chegaram a despencar na casa de 5%, ao longo do dia, e pressionaram o desempenho da bolsa de valores, a B3, ontem.

No final do dia, os papéis preferenciais (sem direito a voto) caíram 3,06% e os ordinários (com direito a voto), 2,96%. Na segunda-feira à noite, o Executivo federal demitiu o terceiro presidente da Petrobras no governo Bolsonaro, José Mauro Coelho, que estava no cargo desde 14 de abril. O secretário especial de desburocratização do Ministério da Economia, Caio Paes de Andrade, foi formalizado pelo governo como o novo nome para a chefia da petroleira.

O presidente Jair Bolsonaro, que busca a reeleição, tem defendido que a empresa contrarie o seu próprio estatuto e utilize seus lucros para amenizar o ritmo das altas dos combustíveis.

Segundo reportagem do site *g1*, Bolsonaro tem dito a auxiliares que novas altas dos combustíveis o farão “perder a reeleição”. Por isso, o presidente teria afirmado que não quer novos reajustes no diesel, na gasolina e no gás de cozinha até a eleição, em outubro.

Em Davos, na Suíça, onde participa do Fórum Econômico Mundial, o ministro da Economia,

Paulo Guedes, tentou amenizar os motivos da alteração na presidência da estatal:

– O presidente Jair Bolsonaro escolhe o ministro Adolfo Sachsida (*para Minas e Energia*) e o ministro escolhe o presidente da Petrobras (*Caio Mário Paes de Andrade*). O conselho da petroleira ratifica o nome do ministro escolhido e a diretoria da estatal. E eles definem a política de preço dos combustíveis.

## “Autonomia”

No Brasil, o ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, também colocou na conta do xadrez político no Ministério de Minas e Energia a alteração do comando na Petrobras, mas sugeriu que o novo presidente “precisa de autonomia para trocar as diretorias da empresa”. Foi o que bastou para que analistas de mercado identificassem uma tentativa de busca por nomes alinhados à ideia, já defendida por Guedes, de “dilatar” a incidência de aumentos nos combustíveis.

Nesse caso, o temor é de que o objetivo do novo conselho de administração seja modificar pontos específicos do estatuto da empresa, que vinculam diretamente as alterações na política de preços a compensações de impactos financeiros nos lucros. Deste modo, interferências de maior ou menor escala estariam autorizadas.

Economista da Warren, Fred Nobre explica que Coelho foi eleito pelo sistema de voto múltiplo em assembleia geral ordinária, realizada em 13 de abril. Com

sua destituição aprovada em nova assembleia, os demais membros do conselho eleito no mesmo processo também deixarão a empresa, abrindo o caminho para a gestão de Andrade.

Ao todo, são 11 conselheiros. Mesmo tendo perdido uma cadeira na assembleia de abril, o governo federal mantém a maioria, com seis posições no colegiado.

– É muito cedo para falar em intervenção, mas já há um movimento especulativo nos preços das ações, com *driver (direção)* negativa. Vai depender dos novos conselheiros que ainda serão eleitos – sustenta Nobre.

De acordo com o sócio-diretor da Fundamenta Investimentos, Valter Bianchi Filho, ainda que motivada por ajustes políticos na pasta de Minas e Energia, a notícia não é boa, porque esse tipo de troca constante de comando pesa sobre a estatal. Segundo ele, qualquer mudança de política de preços que reduza os resultados da empresa será recebida como fato negativo, mas, por outro lado, é de conhecimento dos acionistas que a estatal está sujeita a interferências políticas:

– Dá sempre a sensação de que o governo está tentando interferir. É uma leitura que se faz, mas não podemos disfarçar que a principal motivação da troca é política. Se de fato a interferência for essa (*congelamento com prazo definido*), o que no meu entendimento seria medida equivocada, ainda assim seria menos danosa com relação ao que foi feito em 2014 quando quase quebrou a empresa.



# Banda do barril assusta mercado

*Na troca anterior, as ações da Petrobras subiram, a despeito da instalação de uma porta giratória na presidência da maior empresa do Brasil e das especulações sobre a adoção de algum tipo de controle de preços. Ontem, day after da quarta indicação para o comando da estatal, as ações ordinárias da Petrobras caíram 2,96% e as preferenciais, 3,06%.*

*O mercado não gostou de Caio Paes de Andrade, novo indicado para o cargo? Não, desta vez parece ter “comprado” a versão de que vem aí intervenção na Petrobras. E o mais inesperado, capitaneada por ex-assessores liberais do ministro da Economia, Paulo Guedes, vendido como o mais liberal de todos os que já ocuparam seu cargo. A justificativa já está pronta: não haveria mudança na fórmula Paridade de Preços de Importação (PPI), apenas ganharia condicionantes.*

*Existem duas versões para o que é chamado informalmente de “banda do barril”. Uma seria prazo: a Petrobras só poderia reajustar preços em um determinado intervalo. O mais citado seria de cem dias, em um momento em que faltam*

*130 dias para a eleição de 2 de outubro e cerca de 30 para a posse do novo presidente da estatal. Muito conveniente.*

*Há uma alternativa mais parecida com a “banda cambial” que vigorou no Brasil entre 1994 e 1999: um intervalo de preços. Neste caso, a mais mencionada é que estabeleceria a faixa de US\$ 85 a US\$ 125 para o barril de petróleo. Mas o grau de discricionariedade é tanto que pode ser essa ou outra, completamente diferente*

*O que importa, aqui, é o mecanismo: se o tipo brent se mantiver nesse intervalo, a Petrobras não poderá fazer reajustes na refinaria. Só poderia fazê-lo se cotação ultrapassasse o teto da banda.*

*Falta resolver o risco de desabastecimento de diesel. O Brasil depende de cerca de 25% de importação desse combustível para suprir o mercado. Hoje, empresas privadas importam diesel e concorrem com a Petrobras. Caso a estatal freie reajustes e mantenha preço artificialmente baixo, ninguém vai querer importar por preço maior. Também não haverá comprador de diesel mais caro. A Petrobras já advertiu o governo para o risco de falta desse combustível no terceiro trimestre.*

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

**Seção:** Troca de Comando